

**O conteúdo e a forma da pregação paulina  
Estudo exegetico de 1Cor 2,1-5**

**The content and form of Pauline preaching  
Exegetical study of 1Cor 2,1-5**

*José Adriano Filho*<sup>1</sup>

**RESUMO**

A recusa de Paulo em anunciar o evangelho aos coríntios “com o prestígio da palavra ou da sabedoria” provocou tensões com algumas pessoas e divisão entre os membros da igreja. Estas pessoas valorizavam mais a herança retórica greco-romana ligada à sabedoria e eloquência e não o modelo de Cristo ou do próprio Paulo. Elas também subestimavam a Paulo, pois achavam que ele não seguia os padrões de riqueza estabelecidos e tampouco utilizava proezas retóricas e eloquência ao proclamar o Evangelho. Como Paulo considerava a sua pregação como atribuição do próprio Cristo e que sua vocação apostólica era proclamar a “palavra da cruz”, ele aceita as características de uma pessoa vista como socialmente inferior segundo os padrões vigentes e destaca a sua fraqueza e discurso inexpressivo, considerados como sinais de baixo status na sociedade greco-romana. A inversão das expectativas sociais e culturais envolvidas na descrição do seu caráter, apostolado e estilo de pregação equivale à subversão das expectativas humanas e ao julgamento que Deus realiza na cruz de Cristo.

**PALAVRAS-CHAVE**

Pregação paulina; Retórica greco-romana. 1Coríntios.

**ABSTRACT**

Paul's refusal to announce the gospel to the Corinthians “in lofty words or wisdom” caused tensions with some people and division among church members. These people valued the Greco-Roman rhetorical

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e em Teoria e História Literária (UNICAMP), é professor da Faculdade Unida de Vitória, ES.

heritage linked to wisdom and eloquence more than the model of Christ or Paul himself. They also underestimated Paul, as they felt that he did not follow established wealth standards, nor did he use rhetorical prowess and eloquence in proclaiming the Gospel. Since Paul considered his preaching to be the attribution of Christ himself and that his apostolic vocation was to proclaim “the word of the cross” he accepts the characteristics of a person seen as socially inferior by current standards and highlights his weakness and expressionless speech, considered as signs of low status in Greco-Roman society. The inversion of the social and cultural expectations involved in describing Paul’s character, apostolate and preaching style is equivalent to the subversion of human expectations and the judgment that God performs on the cross of Christ.

### **KEYWORDS**

Pauline proclamation; Greek-Roman Rhetoric; 1 Corinthians.

Na cidade de Corinto havia pessoas que consideravam a habilidade retórica e a eloquência como sinais de educação, riqueza e status social elevado. Estas pessoas possuíam riqueza e status social elevado, pertenciam à elite da comunidade e tinham relações com os cidadãos romanos das diversas associações da comunidade cívica maior. Elas consideravam também a “sabedoria” e a “sabedoria da palavra” como convenções sociais e culturais e, após a partida de Paulo de Corinto, introduziram a sua compreensão de sabedoria e eloquência na comunidade cristã. Elas valorizavam mais a herança retórica ligada à sabedoria e eloquência como modelo cultural e não o modelo de Cristo ou do próprio Paulo, além de subestimá-lo, pois achavam que ele não seguia os padrões de riqueza estabelecidos e, tampouco, utilizava a eloquência retórica ao proclamar o evangelho. Paulo era visto por estas pessoas como alguém que não tinha a habilidade retórica dos oradores contemporâneos: “As cartas, dizem, são severas e enérgicas, mas ele, uma vez presente, é homem fraco e sua linguagem desprezível” (2Cor 10,10)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> KWON, OH-Kwon. *1 Corinthians 1-4*. Reconstructing its Rhetorical and Social Situation and Re-Reading it Cross-Culturally for Korean-Confucian Christians Today.

Em 1Cor 2,1-5, Paulo procura levar estas pessoas a reformular o seu pensamento a respeito deste assunto e, ao proclamar o Evangelho, confiava na “demonstração do espírito e poder”, não na sabedoria, eloquência e persuasão humanas (2,4-5). Ele difere também dos oradores da sua época, que estabeleciam um valor financeiro para suas apresentações, consideravam-se portadores de grande habilidade retórica, eram sustentados por patronos e competiam entre si para ter estudantes e treiná-los em suas escolas. Ao chegar a uma cidade, estes oradores comumente faziam propaganda de si mesmos ao enviar convites e indicar o horário e lugar onde demonstrariam suas habilidades retóricas. Na hora indicada, eles dirigiam-se às pessoas presentes, apresentavam suas qualidades, sua carreira e seu caráter com o objetivo de persuadi-los a confiar neles. Eles também convidavam os seus ouvintes a escolher um assunto, sobre o qual dissertavam, demonstrando a sua habilidade e eloquência retóricas<sup>3</sup>.

Ao contrário destes oradores e das práticas de outros apóstolos, Paulo recusou a anunciar o evangelho com “o prestígio da palavra ou da sabedoria” para atrair as pessoas para o Evangelho. Ele, tampouco, recebeu dinheiro dos patronos da igreja de Corinto para si mesmo, embora tenha recebido apoio financeiro das pessoas mais pobres das igrejas da Macedônia (1Cor 9; 2Cor 11,9). A sua prática provocou tensões com algumas pessoas e divisão entre os membros da comunidade (2Cor 11,10; 12,20)<sup>4</sup>. As deficiências da sua pregação, segundo os seus críticos, provocaram muitas das dificuldades que ele enfrentou em Corinto. Elas levaram um grupo da igreja a se queixar da sua pregação e declarar sua independência dele (2Cor 10,10). Mas Paulo considerava a sua pregação como uma atribuição do próprio Cristo e que sua vocação era proclamar a “palavra da cruz”. Sua afirmação “Cristo enviou-me para pregar não em sabedoria de palavra” (1,17) indica a ordem para pregar o Evangelho e a forma de fazê-lo. Dessa forma, ao estudar 1Cor 2,1-5 à luz do contexto cultural

---

Eugene, Oregon: WIPF & STOCK, 2010, p. 137-139; FINNEY, Mark T. *Honour and Conflict in the Ancient World*. 1 Corinthians in its Greco-Roman Social Setting. London: T & T Clark, 2013, p. 80-87.

<sup>3</sup> KWON, 2010, p. 140; WINTER, Bruce W. *Philo and Paul Among the Sophists*. Alexandrian and Corinthian Responses to a Julio-Claudian Movement. Second Edition. Grand Rapids, Michigan, William B. E. Publishing Company, 2002, p. 144-147.

<sup>4</sup> KWON, 2010, p. 140.

e social de Corinto da época de Paulo, após apresentar o texto, seu contexto temático e estrutura, este artigo demonstra a compreensão de Paulo sobre a “sabedoria da palavra” defendida pelos seus críticos (1Cor 1,17-3,23; 2Cor 10,1-11,6), o conteúdo e a forma da sua pregação. Para Paulo, a proclamação do Evangelho “em sabedoria de palavra”, “com o prestígio da palavra ou da sabedoria” ou com “palavras persuasivas de sabedoria” afastaria os coríntios do poder de Deus (2,1.4-5).

### **Texto, contexto temático e estrutura de 1Cor 2,1-5**

1Cor 2,1-5 desenvolve as implicações da “palavra da cruz” ao enfatizar tanto a pregação quanto a forma da pregação paulina. Paulo indica o *modus operandi* de Deus na formação da comunidade cristã em 1,26-31, mas agora afirma que o seu *modus operandi* como proclamador dos mistérios de Deus é um reflexo do *modus operandi* de Deus, pois sua proclamação é caracterizada pela “fraqueza” e “loucura”. A oposição entre “palavra da cruz” e a sabedoria do mundo indicada em 1,17b, desenvolvida em 1,18-25 e ilustrada em 1,26-31, é esclarecida em 1Cor 2,1-5 na pessoa de Paulo, quando pela primeira vez ele anunciou o evangelho aos coríntios. Há, em 1Cor 2,1-5, uma correspondência entre Paulo como portador da mensagem da cruz e Cristo crucificado como seu conteúdo<sup>5</sup>.

Como a tradição cultural retórica enfatizava a “palavra” e a “sabedoria” tinha grande aceitação entre os coríntios, especialmente com

---

<sup>5</sup> KAMMLER, Hans-Christian. *Kreuz und Weisheit*. Eine exegetische Untersuchung zu 1 Kor 1,10-3,4. Tübingen: J. C. B. Mohr, 2003, p. 145-146. De acordo com Florian Voss, F. *Das Wort vom Kreuz und die menschliche Vernunft* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2002), p. 125, “Paulus läßt es bei der ersten Analogie zum Kreuz, der Gemeindestruktur, nicht bewenden, sondern fügt ihr noch eine zweite hinzu. Dabei gibt er durch das einleitende *Καὶ ἔγωγε* („und so auch ich“) sowie durch die 1,26 aufgreifende Anrede der Korinther mit *ἀδελφοί*, in V.1 zu verstehen, daß sich der vorangehende und der nun beginnende Abschnitt entsprechen, und zwar insofern sie beide von Entsprechungen zum Wort vom Kreuz handeln. So wie die Berufung der Korinther in einer Entsprechung zum Wort vom Kreuz stand, so auch die Predigtweise des Apostels. Ging es im Abschnitt zuvor darum, wie das Wort vom Kreuz an den Korinthern seine Wirksamkeit entfaltete, so steht nun im Mittelpunkt, in welcher Weise der Apostel selbst durch den Inhalt seiner Verkündigung geprägt war, als er seinerzeit zu ihnen kam, um das Zeugnis von Gott zu verkündigen”.

relação ao discurso público, a declaração de Paulo de que não anunciava o evangelho “em sabedoria de palavra” envolve não somente o tema de 1Cor 1,17b-2,5, mas também a sua teologia da pregação:

1,17b- Cristo enviou-me para evangelizar  
não em sabedoria de palavra  
para que a cruz de Cristo não seja esvaziada.

2,4-5- E a minha palavra e a minha pregação  
não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria  
para que a vossa fé estivesse não na sabedoria dos homens, mas  
no poder de Deus.

Nesta construção em paralelismo, a declaração de 1,17b destaca o tema de 1,18-2,5, enquanto 2,4-5 o reafirma como sua conclusão. A comparação entre estas declarações ajuda a esclarecer o significado de 1,17b, pois ela indica em que sentido a pregação do Evangelho em “sabedoria de palavra” pode esvaziar a cruz de Cristo. Paulo afirma que a pregação “em sabedoria de palavra” não é adequada, pois poderia gerar uma resposta inapropriada na audiência. Ele deseja que a fé dos coríntios “estivesse não na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (2,5). A pregação “em sabedoria de palavra” poderia também levar a audiência a responder à “sabedoria dos homens” e não ao verdadeiro objeto de resposta, Cristo crucificado, “poder e sabedoria de Deus” (1,18.24; 2,5)<sup>6</sup>.

Além disso, diversos paralelos lexicais indicam a conexão existente entre as seções que compõem 1Cor 1,18-2,5: “palavra” e “poder de Deus” são repetidos de 1,18 e 2,1.5; “Cristo, e este crucificado”, o tema central de 1,18-25, é apresentado como o conteúdo da proclamação de Paulo (2,2); o conceito “coisas fracas” (1,27) é paradigmático ao indicar como Paulo esteve entre os coríntios (2,3)<sup>7</sup>. As declarações de Paulo são similares nos dois textos: de acordo com 1,26b, “não havia muitos sábios

<sup>6</sup> LITFIN, Duane. *St. Paul's Theology of Proclamation*. 1 Corinthians 1-4 and Greco-Roman rhetoric. SNTSMS. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 187-190.

<sup>7</sup> MIHAILA, 2009, p. 21-22.

segundo a carne” na comunidade cristã, que foi criada pela vocação divina; de acordo com 2,1-5 quando Paulo esteve em Corinto, ele anunciou o evangelho “não em exaltação de linguagem ou sabedoria” e a sua pregação não consistiu em “palavras persuasivas de sabedoria humana” (2,1.4). 1Cor 1,27b afirma que ao chamar os coríntios, Deus escolheu “as coisas fracas” segundo o julgamento do mundo, que é o que declara sobre si mesmo 2,3: “Estive entre vós, em fraqueza, temor e grande temor” (2,3)<sup>8</sup>. Há, portanto, uma correspondência entre o conteúdo da pregação e a estrutura social da igreja de Corinto e entre o conteúdo e a forma da pregação, incluindo a conduta de Paulo, que identifica o conteúdo da sua pregação como “Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado” (2,2).

O contraste apresentado entre “palavras persuasivas de sabedoria humana” e “demonstração do Espírito e poder” (2,4) e “sabedoria dos homens” e “poder de Deus” (2,5) relembra também a antítese “sabedoria de Deus” e “sabedoria do mundo” das afirmações anteriores de Paulo (1,18-31). A experiência do poder de Deus, apresentada em oposição à eloquência retórica, revela a percepção de Paulo das “invejas” e “rixas” que existiam na igreja de Corinto (1,11-12). Nesse sentido, 1Cor 2,1-5 antecipa de alguma forma o confronto com os “eminentes apóstolos” (2Cor 11,5) e, como as pessoas que criticavam Paulo eram da própria comunidade, o que acontecia naquele momento era a continuação de tendências que podiam se multiplicar, aumentando as suas divisões.

Quanto à sua estrutura, 1Cor 2,1-5 pode ser dividido em duas partes: 2,1-2 e 2,3-5, sendo o início de uma delas marcado pela expressão enfática “Eu também” (2,1.3). As duas partes apresentam a aparência do apóstolo e a forma, o conteúdo e os efeitos da sua pregação<sup>9</sup>. A primeira parte do texto contém duas frases independentes: a primeira delas é a declaração negativa: “Eu também, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus” (2,1); a segunda: “Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus, e Jesus Crucificado” (2,2), é uma justificação da declaração inicial. A segunda parte do texto contém duas declarações que estão estruturadas antiteticamente: a primeira fala sobre o ser humano

<sup>8</sup> KAMMLER, 2003, p. 156.

<sup>9</sup> KAMMLER, 2003, p. 148.

Paulo e a segunda indica a grandeza divina. Nas três afirmações negativas do texto: “não em exaltação de linguagem ou sabedoria” (2,1), “não em palavras persuasivas” (2,4), “não na sabedoria dos homens” (2,5), a palavra “sabedoria” desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da argumentação apresentada.

A estrutura de 1Cor 2,1-5 é seguinte:

**Parte 1:** Declaração negativa e justificação da declaração (2,1-2)

- a) Declaração negativa: “Eu também, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus” (2,1)
- b) Justificação da declaração: “Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus, e Jesus Crucificado” (2,2)

**Parte 2:** Duas declarações afirmativas (2,3-5)

- a) Primeira declaração: “Eu também estive entre vós cheio de fraqueza, receio e tremor” (2,3)
- b) Segunda declaração: “A minha palavra e minha pregação não foram palavras persuasivas de sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder, a fim de que a vossa fé não se baseie na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus (2,4-5).

**“Não em ostentação de linguagem ou sabedoria...” (1Cor 2,1-2)**

1Cor 2,1-5, ao afirmar que Paulo anunciou o evangelho em Corinto “não com o prestígio da palavra ou da sabedoria” dá continuidade à mensagem sobre a relação entre a sabedoria de Deus, isto é, a palavra de cruz, e a “sabedoria deste mundo”, além de demonstrar a sua determinação de proclamar o Evangelho não com “palavras persuasivas de sabedoria” (2,4). A presença de Paulo em Corinto e a proclamação do evangelho devem ter provocado a avaliação negativa dos seus críticos, que afirmavam que sua presença corporal era fraca e seu discurso desprezível (2Cor 10,10)<sup>10</sup>. O próprio Paulo reconhece que é “inábil no falar” (11,6),

<sup>10</sup> MIHAILA, 2009, p. 123-126.

mas em 1Cor 2,1-5, ele tem em mente as pessoas cuja crítica e desapontamento com ele estavam relacionados mais com a forma de apresentação da mensagem e da sua aparência do que com a mensagem que anunciava. Sua mensagem não poderia, de forma alguma, estar separada da sua “apresentação”, um aspecto que é muito importante quando temos em mente o que acontecia em Corinto. Para Paulo, o conteúdo da mensagem deve determinar a forma de sua apresentação, então a crítica dos coríntios e sua resposta a eles devem ser entendidas no contexto da prática retórica e com tudo aquilo que envolvia a forma de apresentação da mensagem<sup>11</sup>.

Para compreendermos como a forma da pregação “em sabedoria de palavra” (1,17) pode esvaziar o poder da cruz, precisamos ter em mente a dinâmica à qual o orador greco-romano dependia. Ele tinha diante de si os dados de uma situação retórica, pouco podendo fazer para mudá-los. Ele tampouco controlava estes dados, que dependiam da situação a ser enfrentada, quando, onde e em que circunstâncias. Uma vez estabelecido o seu objetivo, ele utilizava estes dados e trabalhava com certas prescrições, de modo a alcançar os resultados predeterminados. Nesse sentido, o trabalho do orador envolvia dois importantes aspectos: primeiro, os seus esforços eram limitados e direcionados tanto pela natureza do material de que dispunha quanto pelos objetivos a serem alcançados. Ele precisava saber como se adaptar a essas circunstâncias; segundo, considerando a audiência, o assunto e a ocasião, quais eram as possibilidades retóricas à luz dos objetivos propostos? Qual delas seria mais eficaz? Como expressá-las e transmiti-las de modo a causar o maior impacto possível? A capacidade de responder a essas perguntas com sucesso e alcançar os resultados esperados era a marca distintiva do orador<sup>12</sup>.

A dinâmica de adaptação envolvida na retórica greco-romana dependia do orador, que deveria analisar as exigências da situação, conhecê-las e executá-las para ser bem-sucedido. Se ele conseguisse influenciar a sua audiência, seria honrado e suas habilidades retóricas reconhecidas, mas se não atendesse a estas exigências, a audiência ficaria impassível

---

11 SHI, Wenhua. *Paul's Message of the Cross as Body Language*. WUNT. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009, p. 155-156.

12 LITFIN, 1994, p. 191.



e o orador seria considerado uma pessoa desqualificada. Na multiplicidade de situações que surgiam, o orador precisava descobrir os argumentos, organizá-los e apresentá-los com poder, de forma a persuadir a sua audiência<sup>13</sup>. Paulo, contudo, rejeita esta dinâmica e insiste que seria inapropriado depender dela, porque os resultados daí advindos estariam enraizados na sua habilidade em se ajustar às exigências retóricas e manipular as possibilidades de persuasão de forma a gerar a fé nos seus ouvintes. Em vez disso, ele considera a dinâmica inerente ao próprio Evangelho. Para ele, o evangelho do Cristo crucificado é “poder de Deus” (1Cor 1,18; Rm 1,16) e, como tal, tem sua própria dinâmica persuasiva. Paulo declara sua determinação de seguir a dinâmica do Evangelho, pois dessa forma a fé dos seus ouvintes seria produto da ação divina e não sua própria criação. Estas duas dinâmicas persuasivas – a do orador e a da “palavra da cruz” – são mutuamente exclusivas e, quando esteve em Corinto, Paulo decidiu depender apenas do poder da cruz. Ele temia que se agisse de acordo com a dinâmica utilizada pelos oradores greco-romanos poderia dificultar a ação do Evangelho e esvaziar o poder da cruz<sup>14</sup>.

Paulo anuncia o Evangelho “não em sabedoria de palavra”, uma expressão cujo significado é de importância fundamental. A rejeição da proclamação do evangelho “em sabedoria de palavra” é justificada por Paulo em 1,17b, onde ele se refere explicitamente à cruz de Cristo como o conteúdo central de sua proclamação<sup>15</sup>. Ele reitera esta atitude a partir de duas declarações similares:

2,1 – “não em exaltação de linguagem ou sabedoria”

2,4 – “não em palavras persuasivas de sabedoria”

Tanto nestes versos quanto na declaração “não em sabedoria de palavra”, o tema é a pregação de Paulo. Em cada um deles encontramos as palavras “sabedoria” e “palavra”, além da negação de uma forma particular de pregação. Em 1,17b, “sabedoria de palavra” refere-se à eloquência grega. A expressão “sabedoria de palavra” é usada em diversos

<sup>13</sup> LITFIN, 1994, p. 191.

<sup>14</sup> LITFIN, 1994, p. 191-192.

<sup>15</sup> KAMMLER, 2003, p. 152-154.

contextos e um dos seus significados é “discurso sofisticado”. “Sabedoria de palavra” significa um discurso inteligente, habilidoso, educado ou retoricamente sofisticado. O significado de “sabedoria de palavra” como discurso culto adequa-se melhor ao contexto de 1Coríntios, onde Paulo se refere à forma da proclamação do Evangelho<sup>16</sup>.

Paulo também considerava a audiência como um dado, mas diferentemente do orador greco-romano entende que não era sua tarefa produzir a fé na sua audiência. O orador procurava determinar os resultados a serem alcançados e moldava a mensagem de modo a alcançá-los, mas Paulo subverte este aspecto que era central na tradição retórica. Para ele, a mensagem do Evangelho não podia ser manipulada para alcançar resultados previamente estabelecidos. Sua proclamação era o “Cristo crucificado” e, em vez de determinar que resultados alcançar, ele insistia na ação do Espírito. Paulo não sabia quem eram “os que se perdem” e “os que são salvos” (1,18). Para ele, a “fé” era resultado da ação do Espírito de Deus, que opera através da cruz de Cristo. A sua tarefa era anunciar o Evangelho. A sua confiança não estava na sua capacidade de criar a fé nos seus ouvintes, mas no “poder de Deus” que opera através do Evangelho proclamado (1Cor 2,5)<sup>17</sup>.

A criação da fé, alimentada pelo Espírito, constituía para Paulo a dinâmica persuasiva da cruz. Paulo queria que seus ouvintes abraçassem a Cristo pela fé, razão pela qual evitou o uso de técnicas persuasivas destinadas a movê-los a fazer isso. Se tivesse usado essas técnicas, ele teria substituído a dinâmica divina da cruz pela dinâmica humana da retórica, privando assim a cruz de seu poder salvador. Ele, também, não anunciou o Evangelho “com sabedoria de palavra” ou recorreu a “exaltação de linguagem ou sabedoria”, isto é, apresentar uma mensagem que em sua forma e conteúdo apenas agradasse a sua audiência<sup>18</sup>. Além disso, a referência ao Espírito Santo contrasta não apenas com estilos persuasivos, mas em especial com a apresentação pessoal e proeminência do orador associada com sua presença. O orador greco-romano explorava totalmente

<sup>16</sup> POGOLOFF, Stephen M. *Logos and Sophia*. The Rhetorical Situation of 1 Corinthians. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1992, p. 109-111.

<sup>17</sup> LITFIN, 1994, p. 208-209.

<sup>18</sup> LITFIN, 1994, p. 247.

suas habilidades retóricas para atingir as metas propostas, mas Paulo, como proclamador fiel do Cristo crucificado, recusa seguir este modelo.

Desta forma, na declaração “Eu também, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com “exaltação de linguagem ou sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus” (2,1), Paulo é coerente com a sua afirmação anterior: “Cristo enviou-me para evangelizar não em sabedoria de palavra, para que a cruz de Cristo não seja esvaziada” (1,17b). Este aspecto tem grande importância para Paulo, porque o seu poder de persuasão depende da consistência da sua mensagem e da forma da sua proclamação, isto é, o seu *modus operandi*, desde o dia em que ele “anunciou o evangelho aos coríntios (2,1). É precisamente em resposta à preocupação dos coríntios com status social que Paulo relembra as suas origens humildes (1,26-28) e a sua decisão de anunciar o evangelho “não com palavras de exaltação ou sabedoria” indica a rejeição das convenções sociais próprias do contexto retórico e a renúncia ao status social que isso implicava. A natureza drástica da inversão do *ethos* social precisa também ser vista desta perspectiva<sup>19</sup>.

Recorrer à sabedoria humana, especialmente a eloquência e dinâmica humanas através da retórica era, para ele, indigno de um pregador fiel à mensagem da cruz. A proclamação da cruz de Paulo – uma declaração simples, direta – assinala um *modus operandi* que procurava evitar usurpar o poder da palavra da cruz. A retórica greco-romana confiava nos recursos humanos; Paulo dependia do poder do Espírito para produzir os resultados desejados, a fé. O *modus operandi* que Paulo adotou é resumido na proclamação da palavra da cruz. Não era tarefa do arauto convencer, mas anunciar. Em contraste com as técnicas dos oradores, calculadas para alcançar seu efeito, o arauto anunciava a mensagem e sua função era garantir que todos a ouvissem e entendessem. Não era sua função, como era a do orador, empregar suas habilidades retóricas para induzir seus ouvintes a aceitar a mensagem. O arauto era somente um mensageiro<sup>20</sup>.

Nesse sentido, a presença da expressão “o mistério de Deus” (2,1) sugere que a determinação de Paulo de não recorrer a “prestígio da palavra

<sup>19</sup> SHI, 2009, p. 157-158.

<sup>20</sup> SHI, 2009, p. 158-159; LITFIN, 1994, p. 247-248.

ou da sabedoria” baseava-se não apenas em considerações retóricas, mas era também uma questão teológica. Paulo estava convencido de que tinha sido comissionado para apresentar não um discurso eloquente, mas proclamar o mistério de Deus. Este conteúdo determinava a forma da sua pregação e o distinguia dos oradores greco-romanos, para quem a forma de apresentação era tão ou, talvez, mais importante do que o conteúdo do próprio discurso. As pessoas que tinham treinamento avançado em retórica e falavam com eloquência eram aclamadas pelas pessoas que as apoiavam e as elogiavam. Além disso, no contexto cultural de Corinto, somente as pessoas educadas e cultas eram apresentadas como capazes de falar “em sabedoria de palavra”. Quem falava “em sabedoria de palavra” era considerado uma pessoa educada e culta, capaz de falar sobre um assunto de tal forma que convencia a audiência por meio de evidências e argumentos apresentados de maneira convincente. O caráter e *ethos* do orador comunicava, não o assunto apresentado<sup>21</sup>.

Paulo questiona este sistema que se transformara ou poderia transformar-se numa alternativa à salvação apresentada na proclamação da palavra cruz<sup>22</sup>. Por essa razão, a sua declaração: “Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus, e Jesus Crucificado” (2,2), indica que o seu *modus operandi* está, em última instância, fundamentado teologicamente. O Cristo ressuscitado e exaltado é e continua sendo o crucificado (1,23). “Não quis saber senão a Jesus Cristo” indica a determinação e o compromisso de Paulo firmemente estabelecidos em sua mente antes de sua ida a Corinto. Paulo estava comprometido com o Cristo crucificado, que é centro da sua mensagem. O “Cristo crucificado” é a chave que abre os mistérios de Deus (2,1). Além disso, o fato de que Paulo “não quis saber outra coisa entre a vós a não ser Jesus” não significa que ele tenha rejeitado qualquer outro tipo de conhecimento, mas que o seu objetivo era somente anunciar o “Cristo crucificado”, “poder e sabedoria de Deus” (1,24)<sup>23</sup>.

<sup>21</sup> MACMULLEN, Ramsey. *Roman social Relations 50 B.C. to A.D. 284*. New Haven & London: Yale University Press, 1974, p. 107-108.

<sup>22</sup> SHI, 2009, p. 159-160.

<sup>23</sup> THISELTON, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, Michigan: W. B. E. Publishing Co., 2000, p. 212-213; SHI, 2009, p. 160-162.

### **“Foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós” (1Cor 3,3-5)**

Tendo declarado de forma concisa o conteúdo central da sua proclamação (2,2), Paulo dá continuidade à sua argumentação na segunda parte do texto com a declaração: “Eu também estive entre vós cheio de fraqueza, temor e grande tremor” (2,3). Esta declaração é significativa e reveladora quando comparada e contrastada com o que ele afirma ao referir-se à primeira vez que esteve em Corinto: “Eu também, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus” (2,1). Naquela ocasião, os coríntios esperavam de Paulo uma “palavra de exaltação ou sabedoria”, mas isso não ocorreu, causando o seu desapontamento. “Eu também estive entre vós cheio de fraqueza, receio e tremor” (2,3) refere-se à aparência de Paulo e a forma como ele proclamou o evangelho em Corinto<sup>24</sup>.

Mas qual é o tipo de “fraqueza, temor e tremor” que Paulo menciona? Esta é a primeira vez que ele menciona sua “fraqueza”, embora tenha falado antes sobre a “fraqueza de Deus” que se expressa na palavra da cruz (1,25.27) e, na medida em que ele justifica sua fraqueza cristologicamente, ela deve ser entendida como um tipo de fraqueza, na qual o apóstolo sempre se dirige a Deus, cujo “poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Cor 12,9). Embora não possamos afirmar com certeza de que forma essa fraqueza se manifestou, a fraqueza que caracteriza o apóstolo não foi apenas uma doença, como em Gl 4,13, ou à ausência de “sinais” apostólicos. O poder das palavras de suas cartas, que até hoje impacta os seus leitores, não oculta o fato de que Paulo não era considerado uma pessoa de grande prestígio, como muitas vezes se imagina (2Cor 10,10)<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> SHI, 2009, p. 164; KAMMLER, 2003, p. 161.

<sup>25</sup> VOSS, 2002, p. 112. MIHAILA, Corin. *The Paul-Apollos Relationship and Paul's Stance Toward Greco-Roman Rhetoric*. Edinburgh: T & T Clark, 2009, p. 123-126, ao referir-se à relação de Paulo com os coríntios, afirma: “Paul's opponents in 2 Corinthians claimed that he was ‘weak’ in his stage presence [ἡ παρουσία τοῦ σώματος ἀσθενῆς] and ‘contemptible’ in his speech [ὁ λόγος ἐξουθενημένος, 10.10b], while Paul himself acknowledges that he was a ‘layman’ in speech [ιδιώτης τῷ λόγῳ, 11.6]. Winters, among others who believe that Paul rejected rhetoric, contends that all these statements have to do with what is known as ‘rhetorical delivery’ [ὑπόκρισις]. The first assessment describes Paul's stage presence. The kind of bodily presence

“Fraqueza” é também o tema de 1Cor 4,9-13; 2Cor 6,4-10 e 12,7-10. De qualquer forma, Paulo está preocupado com uma questão fundamental, que é indicada pela oposição “fraqueza” (2,3) e “poder” (2,4), ou seja, a oposição que existe entre sua pessoa e a sua pregação. O apóstolo, em si mesmo, é fraco e impotente, mas sua pregação, conduzida pelo Espírito de Deus, prova que ela é o poder salvador, razão pela qual a fé dos coríntios não se baseia na força e sabedoria de Paulo, mas no poder criador de Deus. Em 2Cor 4,7, Paulo, como pregador do Evangelho, declara: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro para que a excelência

---

[ἡ παρουσία τοῦ σώματος] that Paul communicated precluded him from securing a large audience. Whether the weakness [ἀσθενῆς] of his stage presence had to do with some noticeable infirmity in his body, with weakness with regard to his social status, or with a feeble personality is not clear. Margaret Thrall thus may be right to state that, ‘This expression is to be understood in a comprehensive sense, of the apostle’s whole outward character and personality, not only his personal appearance in the narrower sense. It is worth noting, however, that physical appearance may have had some importance for the Corinthians’. Generally speaking, then, ἀσθενῆς most likely describes an ‘unimpressive’ presence (including possible physical infirmity, thus appearance), the reference being to ‘one of the accepted qualifications for oratorical prowess’. But what specifically was in viewed as deficient in his personality and character to the point that it affected the success of this delivery (according to his opponents)? It would be his lack of firmness in administering discipline, but it most likely refers to something related to his ‘rhetorical delivery’ such as self-confidence (i. e., *ethos*) [...] The second statement is also a reference to the issue of ὑπόκρισις. The statement is a clearer reference to his speech [ὁ λόγος]. His opponents accused Paul of having a ‘contemptible’ speech, that is, his speech ‘amounted to nothing’ or ‘was not worth listening to’. In this sense, the critique may point out Paul’s lack of eloquence or his contemptible rhetoric according to the sophistic standards of persuasive speech. In other words, the critique referred more to form [i. e., delivery] rather than the content. If this is the case, then Thrall raises a pertinent question: if his spoken discourse is deemed unsophisticated and ineffective from a rhetorical standpoint, then why is the contrast set between his speech and his letters? She contends: ‘Perhaps a partial answer might be that Paul was so much prized by the Sophists’. But in what consisted this deficiency? Was it his refusal to use rhetorical techniques in oral communication [...]? Was his accent or diction, or his grammatical slips? Could it be that Paul’s speech was not accompanied by voice, gestures, posture, attire, necessary for an accomplished orator of high status? Or could it be that Paul refused to engage in the abusive rhetoric of boasting as the other teachers? The answer depends, in our opinion, partly on one’s view of Paul’s childhood education – whether he was trained in Greco-Roman rhetoric or not – and our interpretation of 1 Cor. 2.1-5, since Paul’s opponents seem to have used his defense in that passage against him [...]”.

do poder seja de Deus e não de nós”. No mesmo sentido, ele afirma: “pois quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10b), que é um eco do encorajamento do Senhor: “prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo” (12,9)<sup>26</sup>. A expressão: “nós somos loucos por causa de Cristo, vós, porém, sois prudentes; somos fracos, vós, porém, sois fortes; vós sois bem considerados, nós, porém, somos desprezados” (4,10), de alguma forma sarcástica, com o objetivo de levar os seus críticos a pensar e refletir humildemente, pode sugerir esta fraqueza é similar à fraqueza mencionada em 2,3, isto é, em comparação com os fortes de Corinto, Paulo, como servo de Cristo, estava bem preparado para considerar a si mesmo como fraco “por causa de Cristo”<sup>27</sup>.

Na sociedade greco-romana somente uma pessoa tola revelaria publicamente ou confessaria sua “fraqueza”, especialmente quando confrontado com oposição e grandes desafios, como era a situação nada invejável de Paulo naquele momento. Um homem que confessasse a sua fraqueza não seria digno de um enfrentar um desafiante respeitável segundo os padrões da retórica greco-romana. A admissão da fraqueza era também inaceitável de acordo com a concepção greco-romana de masculinidade. Uma pessoa respeitável deveria ser forte e, se não o fosse, deveria pelo menos fingir que o era. Nesse contexto, reconhecer publicamente a fraqueza era o mesmo que admitir a derrota, antes mesmo de a competição começar. Numa situação como essa, a competição não teria sentido, pois nas circunstâncias normais, de acordo com o entendimento estabelecido e as regras de retórica da época, ela deveria acontecer entre iguais. O reconhecimento público da fraqueza por uma das partes não era considerado igualdade e a disputa era interrompida, o que torna bastante significativo o reconhecimento de Paulo de sua fraqueza pessoal. Aquele era o momento crucial para ele ser assertivo com relação ao seu status e autoridade, para lidar efetivamente com aquela crise e controvérsia, mas mais uma vez Paulo faz uma inversão consciente e drástica do *ethos* social da época<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> KAMMLER, 2003, p. 161-162.

<sup>27</sup> SHI, 2009, p. 163.

<sup>28</sup> SHI, 2009, p. 167-168.

A fraqueza humana era percebida de forma negativa e desprezada, particularmente se considerarmos a compreensão de masculinidade e retórica da sociedade greco-romana, mas Paulo orgulha-se na promessa divina ligada à fraqueza (2Cor 12,8-10). “Por causa de Cristo” Paulo estava preparado não somente para ser considerado fraco ou louco. Ele queria também compartilhar os sofrimentos de Cristo e ser como Ele (Fl 3,10). Como Paulo, paradoxalmente, apresenta o “Cristo crucificado” como “fraqueza de Deus” (1,22-25), podemos pensar que “fraqueza” tenha o mesmo sentido. De qualquer forma, é a afirmação “quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco” (2 Cor11,29) que conclui o catálogo precedente de perseguições e sofrimentos (2Cor 12,22-28) e prepara o leitor para a afirmação de Paulo de que é apenas nas coisas que revelam sua fraqueza que ele se gloria: “Se preciso gloriar-se, de minha fraqueza é que me gloriarei” (11,30). Para os seus destinatários, era difícil perceber quão drásticas teriam sido as ações de Paulo<sup>29</sup>.

Paulo afirma que esteve em Corinto “em fraqueza”, mas também em “em temor e grande tremor” (2,3). O binômio “temor” e “tremor”, utilizado com referência a Deus, ao homem ou a ambos, tem sua origem na Septuaginta, onde é tipicamente encontrado num contexto que caracteriza o “temor e tremor” por uma pessoa que se depara com a ameaça de um ataque hostil ou mortal de um inimigo (Ex 15,16; Dt 2,25; 11,25; Sl 54,6; Is 19,16). Os coríntios também consideravam “fraqueza, temor e tremor” como um comportamento e disposição comum de mulheres, crianças e escravos. Paulo era um mensageiro do evangelho da salvação especialmente comissionado, então é natural e compreensível que ele tivesse um profundo sentimento de “temor e tremor” por causa da natureza de sua tarefa. Quem proclama o “Crucificado” não pode ter a segurança de um mestre que anuncia a sabedoria humana. Ele é “considerado como um tolo” (2Cor 11,16; 12,6.11), mas sempre proclama o Crucificado “em temor e grande tremor”<sup>30</sup>.

O anúncio do Cristo crucificado como o centro do evangelho e a forma da sua proclamação oferece amplas razões para o “temor” e o “tremor” de Paulo. Ele, então, lembra aos coríntios que o real poder não está na pessoa ou apresentação do pregador, mas na obra do Espírito,

<sup>29</sup> SHI, 2009, p. 163-164.

<sup>30</sup> KAMMLER, 2003, p. 162-163; SHI, 2009, 165-166.



como ocorre na sua vida. Paulo afirma que a sua pregação não aconteceu com “exaltação de linguagem ou sabedoria” (2,1) e agora afirma que não utilizou “palavras persuasivas de sabedoria”: “E a minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria para que a vossa fé estivesse não na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (2,4-5). Diferentemente dos coríntios que associavam a sabedoria ao poder, Paulo associa a sabedoria com a proclamação do “Cristo crucificado” (1,21). “Palavra” e “proclamação” referem-se ao conteúdo e a forma da sua apresentação. Paulo evita a persuasão da sabedoria que fascinava os coríntios. Mas a sua pregação era persuasiva e o que nela faltava era o tipo de persuasão dos oradores da época, para quem o poder estava na pessoa e na forma de apresentação daquilo que falava.

A pregação de Paulo, a despeito de sua aparência pessoal, produzia os resultados esperados, porque levava os coríntios à fé. O que acompanhava a pregação de Paulo era a “demonstração do Espírito e poder” e os coríntios creram na “palavra da cruz” por meio da sua pregação. A utilização da palavra “poder” é óbvia neste contexto. “Poder” era também o que os coríntios, especialmente os críticos de Paulo, afirmavam possuir. Embora o poder e autoridade de Paulo estivessem sendo contestados em Corinto, a sua preocupação primária não era com o seu próprio poder ou autoridade, mas com o poder a autoridade de Deus (1,17-18.24-25; 2,4-5)<sup>31</sup>. Junto com o conceito de poder, Paulo utiliza também a palavra “demonstração”, outra palavra importante da tradição retórica greco-romana que era utilizada como um meio de prova numa argumentação<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> THISSELTON, 2000, p. 222, declara: “*Power* is regularly associated with God’s effective *action* and *reality* in contrast to mere ‘words’. Paul speaks of the *effectiveness* of the Spirit’s witness to his own *effective* work. Moreover, as becomes clear from 2:16-3:4, Spirit, in turn, is defined christologically: he points beyond himself to God’s work in Christ, even if the presence of the self-effacing Spirit thereby *becomes transparente* as a by-product of the Spirit’s work”.

<sup>32</sup> WITHERINGTON III, Ben. Conflict & Community. A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians. Grand Rapids, Michigan, William B. E. Publishing Company, 2002, 1995, p. 125, afirma: “This brings us to the crucial word *apodeixis* in v. 4, a technical rhetorical term that Quintilian says refers to ‘a clear proof’, ‘a means of proving what is not certain by means of what is certain’ (*Inst. Or.* 5.10.7). Cicero defines it as a ‘logical proof’ (*Academia* 2,8). If we bear in mind that the standard definition of rhetoric in Quintilian’s day was the *dynamis* (“power”) of persuasion (*Inst. Or.* 2.15.2-4) and that Dio Chrysostom refers to the gift of eloquence

Ao empregar esta palavra junto com “Espírito e poder”, ela assume um sentido contrário ao significado retórico que lhe era atribuído. A “palavra e pregação” de Paulo, baseadas não numa demonstração de tipo retórico, mas do “Espírito e poder”, envolve a convicção divina do “Espírito e poder” (1Cor 4,20). A determinação de Paulo de não seguir a prática retórica corrente não significava que ele rejeitava a arte retórica, mas que ele queria que sua proclamação não consistisse apenas de “palavras plausíveis de sabedoria”<sup>33</sup>.

As divisões na igreja em Corinto envolviam uma luta pelo “poder”. Ter um lugar proeminente e glória social dependia da aquisição de poder e da sua manutenção na sociedade greco-romana. Sem “poder” real, a retórica e sua linguagem corporal não tinham sentido. Nesse sentido, “demonstração do Espírito e do poder” diz muito sobre o problema em Corinto, bem como os conflitos de Paulo com seus críticos. A “sabedoria humana” (1,17) e as “palavras elevadas ou sabedoria” nada eram, a menos que pudessem ser demonstradas com o poder real. Parece até mesmo, a julgar pelo tom geral da correspondência de Paulo com os coríntios, que ele não acreditava realmente que os seus críticos tivessem tanto poder quanto afirmavam ou imaginavam ter. Em 1Cor 4,18-20, onde o poder é apresentado num contexto polêmico, somos tentados a pensar que não havia necessidade de o apóstolo descobrir se “as pessoas arrogantes” tinham ou não “poder”: “Mas se o Senhor o permitir, em breve irei ter convosco, e tomarei conhecimento não das palavras dos orgulhosos, mas do seu poder” (4,20). O tom de Paulo parece indicar que ele não acreditava que os orgulhosos tinham poder”! Ironicamente, Paulo identifica a “palavra” como um dos “dons” que os coríntios receberam (1,7), mas é igualmente irônico o fato de que esse dom pudesse causar tantos problemas na igreja de Corinto.

---

as *dynamis* (33.3), this passage becomes clear. Paul says that the ‘proof’ he offered of the truth of the gospel about Christ crucified was not in the form of rhetorical proofs, but came from the experiential proof that the powerful Spirit has changed the Corinthians’ lives when he preached. Because of this the faith would not be in power of human rhetoric or wisdom but in the power of God (2 Cor.12:12). This spiritual ‘proof’ also proved that Paul was a genuine agent of Christ”.

<sup>33</sup> LIM, Thimoty. “Not in Persuasive Words of Wisdom, but in Demonstration of the Spirit and Power”. *Novum Testamentum* 29.2, 1987, p. 147-148.

Paulo não anunciou o Cristo crucificado “com palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e poder”. Ele assim o fez para que a fé dos coríntios “estivesse não na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (2,4-5). A sua pregação manifestava “a fraqueza de Deus, que é mais forte do que os homens” (1,23-25). As pessoas que se opunham a ele achavam que tinham alcançado a excelência da sabedoria (4,8.10). Para Paulo, contudo, a presença do “Espírito” inclui falas inspiradas, na medida em que edificam a comunidade, mas ele destaca o poder do Espírito que transforma vidas, revela a sabedoria secreta de Deus (2,6-16), ministra na fraqueza (4,9-13) e santifica a comunidade (5,3-5). Nesse sentido, sua declaração final: “para que a vossa fé não se baseie na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (2,5) encerra o argumento iniciado anteriormente (1,18)<sup>34</sup>. A mensagem da cruz é loucura para o sábio, mas o poder de Deus para os que creem. O objetivo de ação divina na cruz, na eleição dos coríntios e na pregação de Paulo sobre o Cristo crucificado é desarmar o sábio, o poderoso, de modo que os que creem creiam somente em Deus. A palavra da cruz é o paradigma do poder de Deus. A alternativa à sabedoria humana não está em “sinais” e “sabedoria”, mas no “evangelho” que, por meio do Espírito, dá vida e santifica a comunidade cristã.

### Considerações finais

1Cor 2,1-5 desenvolve as implicações da “palavra da cruz” ao enfatizar tanto a pregação paulina quanto a sua forma. Paulo apresenta o *modus operandi* de Deus no mundo ao falar sobre “palavra da cruz”, símbolo de “fraqueza” e “loucura” de acordo com os valores do mundo, mas “poder e sabedoria de Deus”, exemplifica a aparente “fraqueza” e “loucura” da ação de Deus ao lidar com o baixo status social dos coríntios no momento da conversão deles (1,26-31) e apresenta seu próprio exemplo e *modus operandi* (2,15). A oposição entre “palavra da cruz” e a sabedoria do mundo, desenvolvida em 1,18-25 e ilustrada em 1,26-31, é esclarecida em 1Cor 2,1-5 na pessoa de Paulo, quando pela primeira vez

<sup>34</sup> FEE, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, Michigan: W. B. E. Publishing Co., 1984, p. 96.

ele anunciou o evangelho aos coríntios. Quando anunciou o evangelho aos coríntios, Paulo adotou a postura de uma pessoa que não se enquadrava nos padrões de excelência retórica. Ele agiu desta forma para que a fé dos coríntios “estivesse não na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (2,5). Ele aceitou também as características de uma pessoa vista como socialmente inferior segundo os padrões de honra vigentes e rejeitou anunciar o evangelho “com exaltação de linguagem e sabedoria”, “com palavras persuasivas de sabedoria”, pois considerava impossível combinar prestígio social, associado à eloquência retórica, com a “demonstração do Espírito e poder”, associado à proclamação do “Cristo crucificado”. Paulo entendia sua existência apostólica à luz da cruz: “trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo” (2Cor 4,10). Ele preocupa-se com o seu ministério apenas na medida em que se refere à discórdia existente na comunidade. A discórdia era resultado do orgulhar-se em homens e sua tentativa de invalidar os fundamentos de todo o “gloriar-se” (1,29-31) é mais profunda do que parece sugerir o teor geral de suas declarações referentes às pessoas que mediam o seu próprio valor e o valor dos outros líderes cristãos à luz dos padrões de prestígio greco-romanos, considerando-se superiores (1,26-28). Em resposta a esta atitude, Paulo destaca sua fraqueza e discurso inexpressivo, considerados como sinais de baixo status na sociedade greco-romana. A inversão das expectativas sociais e culturais envolvidas na descrição do caráter, apostolado e estilo de pregação de Paulo equivale à subversão das expectativas humanas e ao julgamento que Deus realiza na cruz de Cristo (1,18-31)<sup>35</sup>.

### Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. 5ª impressão. São Paulo: Paulus, 2008.
- FEE, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, Michigan: W. B. E. Publishing Co., 1984.

---

<sup>35</sup> PICKETT, Raymond. *The Cross in Corinth. The Social Significance of the Death of Jesus*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997, p. 75-76.

- FINNEY, Mark T. *Honour and Conflict in the Ancient World*. 1 Corinthians in its Graco-Romans Social Setting. London: T & T Clark, 2013, p. 80-87.
- KAMMLER, Hans-Christian. *Kreuz und Weisheit*. Eine exegetische Untersuchung zu 1 Kor 1,10-3,4. Tübingen: J. C. B. Mohr, 2003.
- KWON, OH-Kwon. *1 Corinthians 1-4*. Reconstructing its Rhetorical and Social Situation and Re-Reading it Cross-Culturally for Korean-Confucian Christians Today. Eugene, Oregon: WIPF & STOCK, 2010, p. 137-139.
- LIM, Thimoty. "Not in Persuasive Words of Wisdom, but in Demonstration of the Spirit and Power". *Novum Testamentum* 29.2, 1987, p. 137-148.
- LITFIN, Duane. *St. Paul's Theology of Proclamation*. 1 Corinthians 1-4 and Greco-Roman rhetoric. SNTSMS. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- MACMULLEN, Ramsey. *Roman social Relations 50 B.C. to A.D. 284*. New Haven & London: Yale University Press, 1974.
- MIHAILA, Corin. *The Paul-Apollos Relationship and Paul's Stance Toward Greco-Roman Rhetoric*. Edinburgh: T & T Clark, 2009.
- PICKETT, Raymond. *The Cross in Corinth. The Social Significance of the Death of Jesus*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.
- POGOLOFF, Stephen M. *Logos and Sophia*. The Rhetorical Situation of 1 Corinthians. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1992.
- SHI, Wenhua. *Paul's Message of the Cross as Body Language*. WUNT. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.
- THISELTON, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, Michigan: W. B. E. Publishing Co., 2000.
- VOSS, F. *Das Wort vom Kreuz und die menschliche Vernunft*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2002.
- WINTER, Bruce W. *Philo and Paul Among the Sophists*. Alexandrian and Corinthian Responses to a Julio-Claudian Movement. Second Edition. Grand Rapids, Michigan, William B. E. Publishing Company, 2002.
- WITHERINGTON III, Ben. *Conflict & Community. A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, Michigan, William B. E. Publishing Company, 2002, 1995.

Submetido em: 15/04/2021

Aceito em: 16/06/2021